

# Velho Chico, patrimônio do mundo

Expedição vai navegar os 2.292 km do rio por 40 dias e elaborar um dossiê minucioso para enviar à ONU em 2002

KARLA MONTEIRO  
no.com.br

Enquanto o governador de Minas Gerais, Itamar Franco, ouriça o topete na rixa com o presidente FHC, uma caravana de mineiros encara outra batalha: salvar o rio São Francisco, uma das rotas fluviais históricas mais importantes do país. A empreitada, que vai custar R\$ 400 mil, começa nesta sexta-feira, 12. Uma expedição de 15 pessoas – historiadores, ambientalistas, arquitetos, topógrafos e jornalistas – sobe a bordo da barca Luminas para percorrer os 2.292 quilômetros que ligam a cidade de Pirapora, no interior de Minas, ao mar.

Na viagem de 40 dias, a caravana vai dar duro. A idéia é preparar um dossiê minucioso, destrinchando as condições ambientais do velho Chico – como o rio é conhecido – e dos bens culturais que o margeiam. O relatório será encaminhado à Unesco no próximo ano.


“Queremos tornar o São Francisco Patrimônio Cultural e Ambiental da Humanidade”, diz o historiador Márcio Santos, encarregado do levantamento das construções históricas ao longo do percurso. “O tombamento mundial abre portas para financiamentos que vão ajudar na recuperação das áreas degradadas e recursos também para as populações ribeirinhas”, acrescenta.

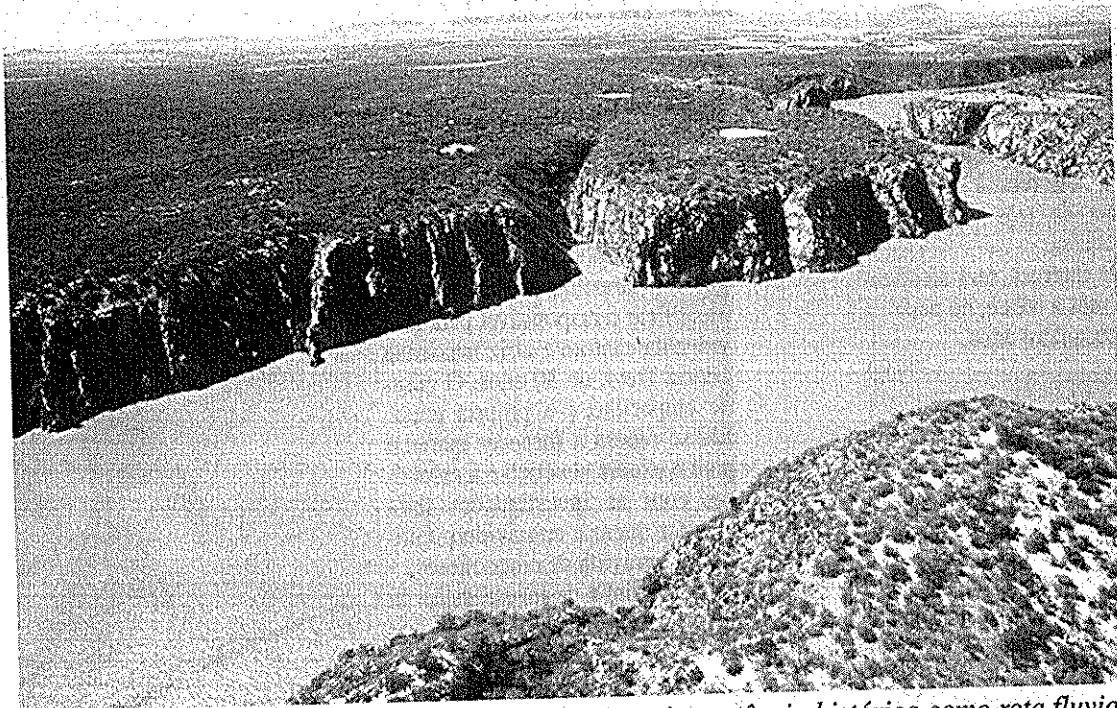
Os bandeirantes do século 21 estão com os argumentos na ponta da língua para embasar o dossiê. Aliás, trata-se da mesma equipe que conseguiu incluir Diamantina, no Vale do Jequitinhonha, na lista de cidades Patrimônio Cultural da Humanidade, em 1999.

“O rio tem uma importância histórica no desenvolvimento do interior do Brasil. Nos séculos 18 e 19, o gado e a agricultura ao

longo do São Francisco abasteceram toda a região mineradora, possibilitando a interiorização”, comenta Santos. Outro argumento em prol do tombamento é a importância do velho Chico como rota fluvial. Antes da abertura da Estrada Real, que ligava Minas ao Rio de Janeiro, o São Francisco era a única rota possível de chegada dos escravos e de mercadoria para a área de exploração de ouro e diamante. “A imigração para o interior do país vinha pela Bahia e descia para Minas pelo São Francisco. Chegando pelo Rio era muito difícil transpor a serra do Mar e da Mantiqueira”, explica.

Não é a primeira vez que o rio São Francisco passa por uma varredura do gênero. Entre 1852 e 1854, o Imperador Dom Pedro II encarregou o engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfeld de escarafunchar o velho Chico. Depois de dois anos navegando com todas as dificuldades

INSTITUTO	
	
Documentação	
Fonte	JB (brasil)
Data	16/10/2001 Pg. 5
Class.	16



Um dos argumentos para tornar o Velho Chico é sua importância histórica como rota fluvial

da época, Halfeld entregou ao Imperador o “Atlas e Relatório concernente à exploração do Rio São Francisco, desde a cachoeira Pirapora ao Oceano Atlântico”.

O engenheiro não fez feio. “O atlas contém informações científicas, mapas e impressões fundamentais para o entendimento da importância histórica do São Francisco”, comenta Santos. “A gente vai seguir a mesma trilha fluvial, tentando demonstrar a destruição das matas ciliares, a decadência econômica dos povos ribeirinhos, os problemas de saúde pública e a degradação dos bens culturais. Existem igrejas, ruínas de portos, missões jesuítas, sedes de fazendas, pontes, tudo destruído”, diz Américo Antunes, coordenador do projeto, denominado Expedição Engenheiro Halfeld.

Os expedicionários vão fazer a viagem em três etapas. De Pirapora à Xique-Xique, na Bahia,

a turma viaja na barca Luminas, com acomodação para 20 pessoas. Entrando em Sobradinho, fazem uma baldeação para a barca Nina, com estrutura para navegar em águas mais profundas. Em Juazeiro, desembarcam. O trecho não é navegável por conta da usina de Paulo Afonso e várias barragens.

“É impossível a navegação direta. Então vamos de carro, fazendo incursões de barco”, conta Antunes. Em Piranha, embarcam em catamarãs e seguem até o mar. Durante o troca-troca, a trupe mineira vai passar por 60 cidades e 58 bens culturais já tombados por órgãos nacionais, além dos ambientais como o Parque Nacional Cavernas do Peruaçu e o Raso da Catarina. “É um processo complexo. Temos que defender a idéia de que o São Francisco é um bem planetário para conseguir a aprovação da Unesco”, prevê Santos.